

QUINTA-FEIRA  
Linha - 19 de Maio - 1927

5 TOSTÕES



sempre **52**  
**fixe** sendo  
humorista

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 7. 198  
RUA DA ROSA, 27

# O problema da circulação



**Espera aí**

um grande bocado

Cartaz-aviso para a passagem de peões no Rocio

(Projecto malogrado de ... **FIXE**)

# O DIARIO DE Maria Maschineff

*Preambulo.* — Já alguma vez vos olhastes ao espelho?... Eu gosto de me ver ao espelho durante horas. Quando a minha criada Ninitzka, ou Jakub, o criado, passam detraz de mim julgam que eu estou doida. Mas não. Não estou.

Tenho dezassete anos. *No dia seguinte.*—Andando a passear, encontrei uma flor. Estava a sonhar, na extremidade duma longa haste. Era uma *tchupskaia*. Perguntei-lhe se o meu coração alguma vez conheceria o amor. Respondeu-me que sim.

Quando voltava para casa, encontrei também uma cebola. Tinham-na picado. Jazia, lastimosa, na estrada. Oh! Como deve ter sofrido!.. Escandila no seio. Tive-a toda a noite a repousar sob o meu traveseiro. Chorei muito.

*Num outro dia.*—A minha alma tem fome de amor. Como pode ser que eu não amo ninguém?

Nem mesmo consigo amar Alexis Alexovitch, com quem devo casar dentro dum mês...

*Um dia depois.*—Porque me encerram assim, em casa? Não posso mais! Porque me impedem de me matar? A noite passada fiz uma nova tentativa. Coloquei uma garrafa de acido sulfurico na minha mesa de cabeceira. Esta manhã ainda lá estava. E eu não tinha morrido! E' horrroso!

*No dia seguinte.* — Encontrei uma couve na estrada. Estava deitada debaixo duma sebe. Uns rapazes mal-dosos tinham-na apedrejado. Procurei reanimá-la... Ao lado estava um ovo. Também ele jazia inanimado... Chorei.

*Esta manhã.*—O meu coração bate, desde esta manhã. Um homem passou. Da janela, vi-o descer do lado da campina para a margem do rio.

Meu Deus! Como ele era belo! Não tão alto como Alexis—oh, não!—mas pequeno e redondinho... redondo como a pobre couve de ontem.

Levava um casaco de veludo, um banco de dobradiça, um cavalete, um cachimbo e um sorriso que lhe iluminava a face como um luar sobre uma tija de betume.

Amo-o?... Não sei... Quando passou debaixo da minha janela, atirei-lhe um botão de rosa... Não deu por isso. Então, atirei-lhe um sabonete e uma escova de dentes... Mas não lhe acertei e ele prosseguiu no seu caminho.

*Num outro dia.*—O amor entrou na minha vida... Tornei a vê-lo! Falei-lhe! Estava entado no banco de dobradiça. Pintava. Perguntei-lhe o nome. O seu nome!... O meu coração bate, só com o pensamento de o escrever. Não... não o escreverei. Vou apenas segredá-lo. E':—Otto Dinkenspiel.

Que lindo nome!  
Perguntei-lhe também:  
—Que está a pintar, E' o menino Jesus?  
Disse-me:  
—Não. E' uma vaca.  
Olhei melhor. Realmente era uma vaca. Então, mergulhei as minhas pupilas nas suas e disse:

—Será o nosso segredo. Não o revelaremos a ninguém!

*Uma semana depois.*—Todas as manhãs vou ver Otto, ao prado. Sentome ao lado dele e explico-lhe o que penso, o que leio, o que sei, o que sinto e o que não sinto. Escuta-me com um ar de quem me não ouve, que me arrebatava. A união das nossas almas é maravilhosa.

*Hoje.*—Otto tocou-me... Só a recordação basta para me fazer estremecer.

Quando estava de pé, junto dele, na margem do rio, o cabo da minha sombrinha roçou-lhe pelo ultimo botão do colete... Senti o fogo duma subita queimadura...

A' manhã hei de trazer Otto comigo e apresentá-lo-hei a meu pai.

*No dia seguinte.*—Otto cravou o papá... Pediu-lhe dez rublos emprestados. Meu pai está furioso. Prohi-

biu-o de tornar a pôr os pés em casa. Não poderei tornar a vê-lo senão na margem do rio.

*Dois dias mais tarde.*—Otto pediu-me uma lembrança. Ofereci-lhe um dos meus pregos de chapou. Mas ele preferiu o meu pendente de diamantes. Compreendi a alusão. Sou para ele a mais preciosa das criaturas, como o diamante é a mais preciosa das pedras.

*Esta manhã.*—Ontem, Otto pediu-me outra vez uma lembrança. Tirei uma moeda de ouro da algibeira e propuz-lhe parti-la em dois bocados. Otto não quiz. Adivinhei-lhe o pensamento. Cortar a moeda seria cortar o nosso amor. Guardá-la-ha para nós dois, intacta como o nosso amor. Que pensamento delicado, o seu!

*No dia seguinte.*—Acabo de lhe ir ler outra moeda de ouro. Em troca, deu-me um *kopeck* de bronze. Com-

preendi. O nosso amor era puro como o ouro e solido como o bronze.

Tenho medo de que Alexis volte e que Otto o mate.

*Mais tarde.*—Falei de Alexis a Otto. Disse-lhe que era noiva dele. Primeiro, Otto não me respondeu. Tinha, decerto, receio de não conseguir dominar a sua coiera. Depois, entrou-se rapidamente as suas bagagens. Então anunciei-lhe que Alexis ainda não tinha chegado. Otto acalmou-se e pegou outra vez no pincel.

*Três dias depois.*—Alexis voltará, dentro de quinze dias. Eu já disse a Otto que teremos que nos matar. O nosso amor exige-o. Otto propoz-me que me mate eu primeiro, para que ele depois morra de fome sobre o meu tumulo.

*Cinco dias mais tarde.*—Otto e eu já não morremos. Vamos fugir juntos. Quando Alexis chegar, estaremos longe. Mas Otto persuadiu-me de que mais vale não partir com as mãos vazias.

Todos os dias levo um embrulho ao meu cavaleiro servente—um embrulho que ele põe em segurança no quarto da estalagem. Ante-ontem, confiei-lhe um cofre de joias, e ontem, a seu conselho, levantei do Banco as minhas economias. Hoje, teve a delicadeza de me sugerir que leve comigo algumas recordações de meu pai e de minha mãe... Por isso, esta noite, hei de tirar o relógio de ouro ao papá, enquanto ele estiver a dormir... E' amanhã, Otto e eu desapareceremos para sempre.

*No dia seguinte, á noite.*—A minha alma está aniquilada! Sucedeu o que eu tanto receava... Alexis chegou. E bateu-e com Otto!... Que horrivel visão!... Eu estava junto de Otto, no prado... Alexis aparece, enorme, ameaçador. Exclamo:

—Otto! Meu amor... Vai-te embora!... Não o mates!

Otto hesita. Depois foge... Como era nobre, fugindo! Mas Alexis apanha-o e ei-os que lutam!... Ah! Que horrroso espectáculo!... Alexis agarra Otto pela cintura e fá-lo girar no ar como uma funda. As calças cedem, rasgam-se. Otto cai na herva, Alexis dá-lhe pontapés, levanta-o e enfia-lhe o quadro pela cabeça. Então, agarrando o desgraçado pela cinta, atira com ele ao rio, onde o meu pobre Otto começa flutuando, com a cabeça a sair do quadro.

De subito, Alexis volta para junto de mim e leva-me para casa, murmurando palavras de amor...

Que desgraça! Vou casar com Alexis, sempre perseguida pela visão do pobre Otto, que flutua com o seu quadro furado.

A corrente vai arrastá-lo para o Dnieper, depois para o Bug, depois para o Volga, depois, enfim, para o mar Cáspio. E como o mar Cáspio é um mar que não comunica com outro mar, Otto andará flutuando á roda, durante anos, talvez... O meu coração despedaça-se. Vou chorar.

Traduzido do estrangeiro por

## O NOSSO ANIVERSARIO

Felicitando-nos pelo nosso primeiro aniversario, recebemos inumeros telegramas, cartas, officios, bilhetes postais e bilhetes de visita que muito sensibilizaram o SEMPRE FIXE.

Com os nossos melhores agradecimentos, fazemos votos por que o SEMPRE FIXE continue a merecer o aplauso do publico e que o publico não esqueça de o continuar a admirar, como merece uma criança que, tendo apenas um ano de idade, já é tão engraçadinha.

**JAIMÉ THOMPSON**

(Arbitro elegante das saias ondas)



Um lobo do mar da Rua dos Capellistas

Zê Parreiro.

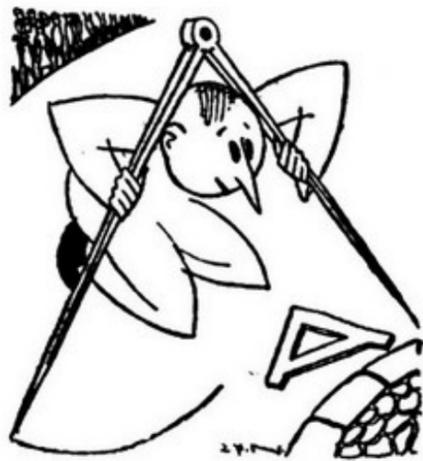
**HUMORISMO  
EM  
PORTUGAL**



Um que inchou... a apitar.



—Para me orientar no Rossio, tenho de usar esta tralha toda.



—Só assim conseguirei saber se atravessarei o Rossio em linha recta...



—Depois da falta do Menano no Coliseu, só me resta deitar-me a afofar.

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O UNICO SEMPRE EM FESTA



**Uma corrida em Badajoz**

Aficionado que domingo ultimo não foi a Extremoz aplaudir D. Ruy da Camara e João Nuncio, o primeiro vítima duma colhida, para a qual desejamos pronto restabelecimento, ou que não ficou em Lisboa para felicitar o Matias e o Dias na data da maioridade tauromaquica, se não viu nenhum destes acontecimentos nacionais, é certo, certissimo, que foi a Badajoz.

O' moninos, vocês lembram-se do quando se lá i. por dois mil réis em segunda e quatro mil em primeira, ida e volta? Claro que o preço já mudou, mas o que não mudou foi o aspecto unico e pitoresco de tão apreciadas excursões taurinas.

Entravam os aficionados de se animar com o cartel de touro e espadas e dois dias antes já se moviam empenhos na C. P. para guardar bilhete, não fossem faltar, ou reservar lugar ou cama, segundo as posses e habifios.

E, no dia da partida, começavam afluindo á estação do Rossio caras risonhas e ansiosas do acontecimento. Os fatos, de alpaca ou tecido leve, tinham a nota toureira duma gravata ou lenço rubro e alguns transportavam pequenas malas ou prometedoras merendas.

O assalto aos lugares era animado e começavam-se formando os grupos consoante as simpatias e combinações e, muitas vezes, apenas guiados pelo acaso, que de desconhecidos na partida do Rossio, fazia amigos á chegada a Badajoz.

Após Campolide, já as paragens nas estações eram aproveitadas para explosões de entusiasmo, prova evidente de que não fôra possível retardar o ataque ás merendas. E como as libações se não limitavam ás provisões, afluíam ás cantinas, entre protestos pela demora em serem servidos. E os conflitos começavam!

Como abundavam pontos valentes, eram rijos os finais. Mas sempre surgia uma piada ou intervenção optimista, desfazendo em gargalhadas o gestos pacíficos o que antes fôra autentico arraial.

Vinham depois as cantorias e nunca faltava uma guitarra, fazendo, combinada com o ruido do comboio, o

silvo e o desterrado apito e campainha das estações, a profecia do jazz-band, que mais tarde surgiria para mal das nossas cabeças.

Cansados, e pelo efeito da digestão das lutas merendas ou da libação dos varios vinhos, começavam alguns roncando, mal agitados nas almofadas ou recostados em ombros femininos, porque muitos se faziam acompanhar das patrões, permanentes o a dias.

Mas, no Entroncamento, surgiam no bufete, exuberantes e sedentos, caras de sono e do vinho, vestuario em desalinho, emfim, parecia a saída do governo civil em quarta-feira de cinzas.

Em Elvas, após uma noite de sossôgo para raros, reapareciam as mesmas caras, acentuadas as côres lividas e as olheiras violáceas. E depois da amavel intervenção da emigração e da aduana, abalava o comboio para Espanha!

Então já todos falavam espanheolo e para os noratos o acontecimento assumia proporções de ir lá fóra e queriam que lhes mostrassem a raia, marcada por um traço fenomenal que a imaginação lhes exigia.

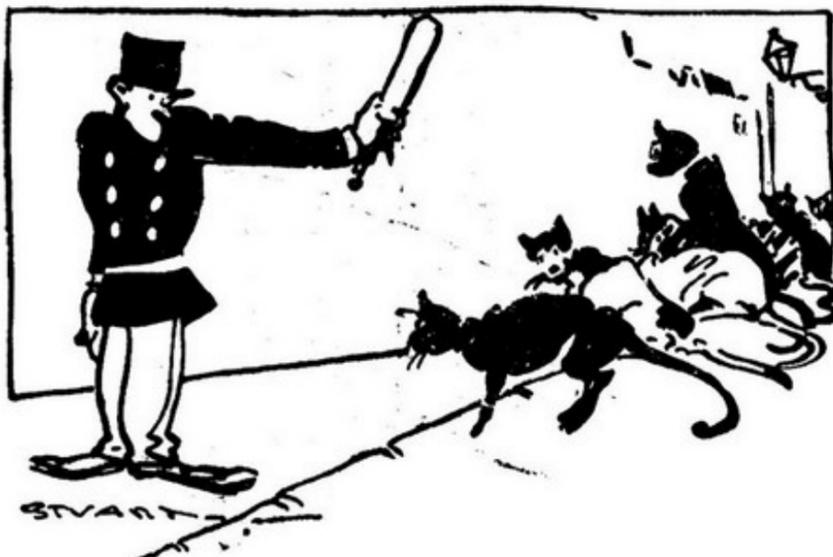
A' chegada a Badajoz, atacavam-se os tramvias e os coches e iniciavam-se os sarilhos com as moedas, habilitando aproveitados por «nuestros hermanos los conductores y cocheros»!

Dahi a uma hora, desfilarão na «calle San Juan» sombreros e dovetes de fresca data e acompanhados de uma ancia de levar recuerdos á familia, que fazia a fortuna dos lojistas extremeños.

O almoço era agitado e a corrida cortada do protesto de alguns nacionalistas, declarando ao visinho espanhol que preferiam *lar piegar*.

Voltavam a ocupar os lugares em que haviam de regressar á terra, depois de galgarem a distancia da praça á estação, e em Elvas ressurgiam os conflitos com a guarda fiscal, com a C. P., com os visinhos e com eles propriamente ditos. Depois dormiam até ao Rossio, iam a casa lavar a cara... e voltavam para a repartição, uma coisa que se reparte para todos os portugueses.

**Perez-Lachaise**



Os transeuntes no Bairro Alto

**HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO**



—Vê-se logo que o meu cavalo é um exemplar completo.

—Tão completo que até se vêem as costelas todas...



O professor:

—Dois automobilistas vão, em direcção um do outro a cem quilómetros á hora, tendo mil quilómetros a percorrer. Onde é que eles se devem encontrar?

—No Hospital.



—Eu advirto-o que, para o serviço da minha clinica, preciso de um homem muito forte.

—Não tenha receio... Eu tambem já mandei três gajos ap'ro maneta...



O senhorio: — Agora percebe porque você me diz todas as semanas que vonha na seguinte! E' porque é futurista...

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O UNICO SEMPRE EM FESTA

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

MÁRIO Monteiro não desiste dos seus créditos de autor. Embora tivesse perdido, no Maria Vitoria, o concurso de Miss Portugal, voltou á carga com a Estrela de Alva.

Não será uma peça muito matutina para aquele teatro?

EM Evora ha um velho empresario que as *tem boas quando quer*. Outro dia, a proposito duma companhia dramatica que passou naquela cidade com um grande exito artistico, mas sem resultados materiais, comenteu oportunamente:

—Temos que mandar vir a *Sentinel* e o *Almirante*!

As patentes estão justas... Trata-se da *Satanela* e do *Amarante*.

DEFOIS da *Estrela de Alva*, o Maria Vitoria regressa á revista...

...que não pode deixar de ser boa, a julgar pelo numero dos autores.

A união faz a força; o que é difficil é fazer uma revista...

AS hostes dramaticas andam muito atarantadas com um decreto que o sr. ministro da Instrução julgou ser da autoria dos artistas—e que o Samuel Diniz desconhecia por completo... Afinal, já se sabe que o diploma foi inspeccionado na Inspeção Geral dos



Qual de nós será o "cabeça de turco"?

Teatros. Tudo está muito certo. Mas não seria melhor que os artistas desfezessem os seus vencimentos, que certos empresarios estão reduzindo a metade? Na diferença ha muitos erros que se cometeram e muitas peças que se escolheram.

QUANDO Alves da Cunha chegou a Evora, onde foi prohibida a *Justiça*, de Ramada Curto, voltou-se para os que o esperavam, na estação, e, estentaneamente, perguntou:

— Estão, nesta terra, ha ou não ha *Justiça*?

O *Turco do Calhariz* vai meter musica. A opereta sem musica é como sardinha sem sal. Come-se, mas não se repete... Vão ver agora a caldeirada de publico, no Politeama...

QUEM é o autor que tem por alcunha o nome do celebre padre Malagrida? Será uma homenagem ás suas qualidades?

AO que consta, pensa-se em fazer, no Coliseu dos Recreios, a *reprise* de algumas revistas reprezadas mais do uma vez. Dada a sua antiguidade, é uma noticia para ultima hora...

RAQUEL Meller—é a *divina*! Será por ter beijado o anel do Santo Padre?

ALDEIA dos Macacos é um bom titulo do revista. Mas pergunta-se: quem será o *complice*?

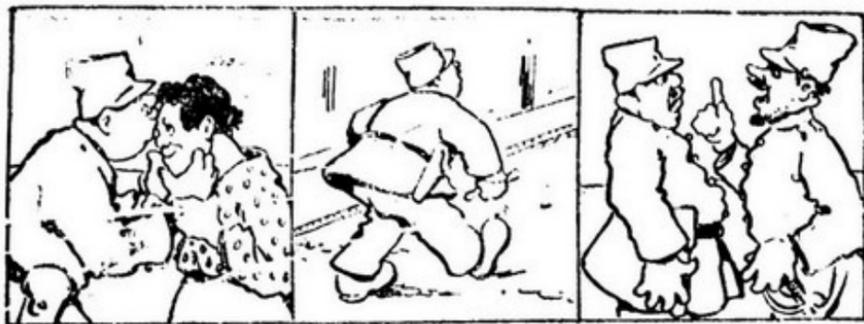
DIZ-SE que o tenor Silvio Vieira entrará brevemente num teatro que tem explorado revista.

Será a *romansa final* ou o preludio do sucesso?

© Memem das 5 horas



— Agora sim! Quero *ver* que a terra seja redonda.



Vou *civilizar* o povo... A paz nas ruas... Transito á *espenhola*...



Processos... *mimicos* Meios brandos... Meios *medios*...



Meios *energicos*... Meios *extremos*... Se não fosse o *tira-teimas*

CANÇÃO NACIONAL

FADO DO TRANSITO

Mote

Agora, a ultima moda,  
à quem passe p'lo Rossio,  
é esp'rar ou andar á roda  
p'r'atravessar d'assobio.

Glosas

Até hoje nunca vi  
uma ideia tão feliz  
de pôr Lisboa em Madrid  
e o Rossio em Paris.  
Fiquei tonto da cerviz  
por não perceber da poda,  
bebi um copo de soda  
que um homem 'té grosso ficã...  
que a Charleston da Bica  
agora é a ultima moda.

Quem quizer fazer pipi  
lá no Metropolitan  
leva, ao todo, quasi um ano  
a chegar até ali...  
Eu já quasi que morri  
por passar horas a fio  
a apanhar sol, chuva e fria  
num passeio empertigado...  
Kis ao que está condenado  
quem passa pelo Rossio.

Com tão grande berbicacho,  
toda aquela caranguejola  
das floristas foi-se á viola,  
pois não ganham para o tacho.  
Se, por obra do diacho,  
o Rossio mais te engoda,  
e, co'a nova orientação,  
quem quizer ir p'r'á estação,  
é esp'rar ou andar á roda.

Noutro tempo era vulgar,  
quando a sorte era mesquinha,  
que um sujeito, ao menos, tinha  
as ruas p'ra passeiar.  
Hoje um policia a soprar  
põe o povo em corropio  
ou anda leguas a fio  
até que dê a veneta  
ao guarda da maçaneta  
p'r'atravessar o Rossio.

Reporter B.



Ficou esta da Esperanza Iris

Companhia dos Caminhos de Ferro Por-  
tugueses

HORARIO DOS COMBOIOS

2.º Adiantamento ao Cartaz-horario D. 101

Linhas de Leete e da Beira Baixa

A partir de 20 do corrente, os com-  
boios de mercadorias n.ºs 2461 e 2462,  
que actualmente fazem serviço de pas-  
sageiros de 3.ª classe entre Entron-  
camento e Covilhã, passam a fazer o  
mesmo serviço apenas no percurso en-  
tre Abrantes e Covilhã.

Lisboa, 11 de Maio de 1927.—O Di-  
rector Geral da Companhia, Ferreira  
de Mesquita.

A NOVELA DO "FIXE"

PARA A HISTORIA  
das revoluções

O candieiro 8037

(a M. Gustavo de Sequeira)

Eu não sou positivamente um velho;  
sou um homem de meia idade que tem  
vivido uma idade inteira...

Fui, na minha infancia, uma espe-  
cie de sentinela da «baixa» de Lisboa.  
Bisbilhoteiro por condição, visto  
que, passando minha meninice á ja-  
nela, só tinha três coisas a fazer:  
olhar, vêr e, já que o meu cerebro o  
permitia, observar.

Desde que me entendi até aos vin-  
te e cinco anos, morei no sitio mais  
concorrido de Lisboa, isto é no funil  
por onde passava tudo que Lisboa ti-  
nha de optimo e bom, no primeiro  
andar por cima da tabacaria Marecos,  
na rua do Principe, hoje 1.º de De-  
sembro, nos tempos em que ainda não  
existia a estação do Rossio nem o Aven-  
nida Palace.

Brinquei no Passeio Publico, dan-  
sei sob a vigilancia do celebre Justino  
Soares em bailes infantis, vi o pre-  
mier marchand d'eau no Rossio, com  
a sua lanterna azul e vermelha, lom-  
bro-me perfeitamente da tribuna em  
frente á calçada do Carmo, no Rossio,  
quando da visita de Afonso XII, vi a  
Speltrini passar na corda á altura do  
muitas dezenas de metros, do monu-  
mento ao Largo da Anunciada.

Vi acender a primeira Luz Drumont  
em espectaculos publicos. Ouvi zar-  
zuelas grandes, quando a Espanha ti-  
nha artistas; assisti á scena entre  
Joaquim de Almeida e uns especta-  
dores num camarote do Teatro dos Re-  
creios e durante o intervalo do Mi-  
guel Strogoff, aonde ele, com o Knout  
do Ivan Orgareff, chicoteou os ditos  
espectadores, toquei por deferencia no  
relejo da Mulher da corneta, obser-  
vei de perto o celebre Gaspar da Vio-  
la e, ainda mais...—vi no Circo do  
Salitre os celebres palhaços Tony Gri-  
ce e Whytoine, este ultimo que foi  
mais tarde proprietario de uma taba-  
caria na rua do Ouro, aonde hoje está  
a Papelaria da Moda.

Assisti no teatro da rua dos Con-  
dos (barracão) aos primeiros especta-  
culos em que era obrigatorio os espe-  
ctadores tirarem o chapu na plateia,  
o que dava lugar, depois do pano su-  
bir, quando lobrigavam um especta-  
dor de cós na cabeça, a que todos  
cantassem em côro, interrompendo o  
espectaculo, o celebre: *Bé, bé, tira  
o chapé!* Observei os dedos reumatiz-  
ados do Marquez de Valada, quando  
já no seu coche para a procissão do  
*Corpo de Deus*, vi o Joaquim Silva e o  
Alfredo de Carvalho, na feira das  
Amoreiras, representar a oporeta bu-  
fa *A Marselheza*, conheci o Dallot, vi  
construir o circo dos Recreios Why-  
toine, um pouco mais abaixo do Eden  
Teatro.

Vi representar a *Côra ou Escrava-  
tura* e o *Drama no fundo do mar*, em  
D. Maria; de Rosa Damasceno eu era



dos poucos que lhe sabia a idade. Do-  
pois fui crescendo e, em tudo quanto  
havia de bom nesse tempo, meti o meu  
nariz. A poucas corridas falhei—por-  
que meu pai me levava ao Campo de  
Sant'Ana, e desde *Frascueto* até ao  
balão de fumo de palha do capitão  
Martinez, conservo ainda tudo na mi-  
nha memoria.

Isto é não sendo eu, como disse, po-  
sitivamente um velho; sou muito an-  
tigo e dahi, hoje, um pesquisader nas  
horas vagas de qualquer sensação que  
não seja um dissabor de comparações  
do tempos passados.

Arqueologicamente falando, o meu  
cerebro é uma especie de museu, mu-  
seu que continuo a recheiar de coisas  
antigas e raras.

Vem isto á proposito que, indo eu  
a caminho de casa, reparei no vidro  
de um candieiro da iluminação publi-  
ca, na Avenida da Liberdade e que  
me deu no gôto...

Esse vidro ainda fôra colocado no  
tempo em que o Santo Antonio dava as  
cartas em Lisboa. E' um vidro hitori-  
co, o unico no genero que tem resisti-  
do a todas as revoluções e escaramu-  
ças da Rotunda para o Rossio e do  
Tejo para a Rotunda!

Todos os seus iguais tem sido esti-  
lhados pela metralha.

E' vermelho e tem gravada a bran-  
co a seguinte palavra: *Paragem*. Foi  
Santo Amaro que ali o colocou, esse  
santo usurpador dos direitos de Santo  
Antonio, que foi quasi patrono da ci-  
dade, hoje o dono de Lisboa inteira.  
Santo Amaro, que conseguiu, agora,  
restaurar os Restauradores, cortando  
á praça dos ditos o cabelo de *Garçonnet*,  
que deitou uma enorme rede para  
pescar os alfacinhas e que na ultima  
revolução viu as suas malhas furadas  
pelas granadas, em muitas direcções  
da teia. Pois foi ele que colocou esse  
vidro invulneravel, digno de figurar  
como heroi em um museu.

O candieiro que o possui tem o nu-  
mero 8037 e está em frente á praça  
da Alegria. Por ironia do acaso, por  
diante, tem uma *lanterna-aviso* dos  
Bombeiros Voluntarios, com a palavra  
*L'are*, como se intimasse os transeun-  
tes a admirá-lo.

Lembro, portanto, que aquela reli-  
quia fosse transferida para um mu-  
seu, não o do Carmo, mas, tratando-  
se de um salvado historico, para uma  
socção que o sr. Gustavo Sequeira pu-  
desse, com a sua autoridade, criar no  
quartel do Carmo, porque é a mais  
forte couraça de apparencia frag que  
na Lisboa revolucionaria existe.

E' um alvitre, facil de realizar, de  
quem tem visto tanta coisa antiga e  
nunca viu um objecto assim, tão raro  
e em tão bom estado.

José Barbosa.

CONCURSO DO "FIXE"

Quem será o beleza  
de homem?

Do nosso illustre confrade sr. Anto-  
nio Ferro recebemos ontem o seguinte  
telegrama, que nos apressamos a pu-  
blicar:

«NOVA YORK, 16.—*Sempre fixe*.  
Lisboa.—Coolidge e eu falámos sôbre  
o vosso concurso, concuro que nos eu-  
tusiasmos francamente.

Lamento minha ausencia de Portu-  
gal e, saudando os «belezas d'Homem»  
da minha terra, peço suspenda o con-  
curso, pois espero, no regresso á Pa-  
tria, voltar mais bonito do que vim e  
ganhar assim o titulo.

Protesto, num protesto veemente,  
contra o facto de não ter sido ainda  
publicado o meu retrato, que me da-  
ria certamente, no concurso do *Fixe*,  
o lugar de relevo que mereço, pelas



Antonio Ferro

Jornalista de pulso. Foi á... America  
maquillar a prosa

minhas belezas naturais. Peço anun-  
cio ao país o meu proximo livro *Coo-  
lidge e Eu—De como me fiz bonito*.  
—Antonio Ferro.

Muito nos apraz satisfazer o pedi-  
do do sr. Antonio Ferro, convindo de-  
clarar que a fotografia que até ha  
dias tinhamos em nosso poder não  
servia para o *Fixe*, pois o sr. Antonio



Luís Figueira

Organizou o concurso, mas tambem  
ed vem por ser bonito

Ferro estava acompanhado dum seu  
colega tambem distinto: o sr. Gabriel  
d'Annunzio.

Hoje, porém, tendo conseguido,  
não sem uma certa dificuldade, um re-  
trato de tão distinto confrade, resol-  
vemos publicá-lo, assim como o de  
Luís Figueira, suspendendo, até ao  
seu regresso a Portugal, o nosso con-  
curso do *Beleza d'Homem*.



# O ANJO DA GUARDA DO PEÃO LISBOETA

Lisboa começou, na semana passada, a girar no Rossio ao som do apito. E o facto é que para girar... tom de parar de minuto a minuto.

A proposito do facto, fizeram-se blagues, inventaram-se historias com mais ou menos graça...

*Sempre fixe*, na pagina que hoje publica, cinematografa alguns aspectos do Rossio desde que começou a ser intransitavel



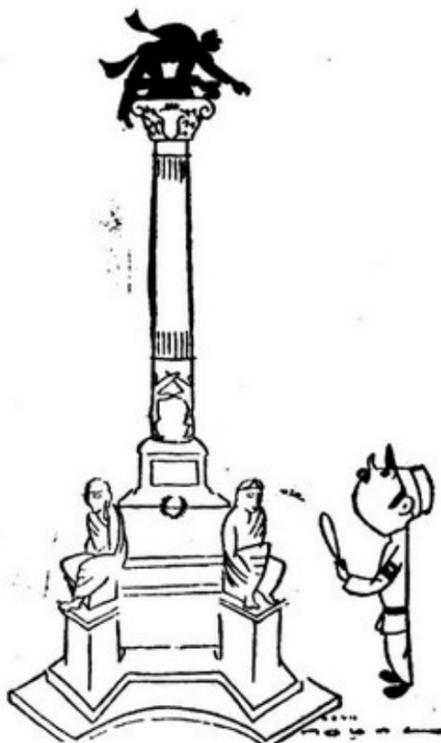
Antigamente, o peão girava por um cordelinho. Agora gira ao som do apito.



Um transeunte:—Preso? Porquê, sr. guarda?  
O guarda:—O senhor está off-side.



De como se marca um cor...ner, ao som de apito.



O senhor D. Pedro IV:—Informas-me, fazes favor, se eu estou aqui bem ou tenho de girar?!



Um minuto de respeito ou o momento do «crô ou... Morris»...



O guarda (cansado):—Oh meu cabo. Faz favor de me cuspir na boca, que já não tenho saliva para apitar!



O maximo de penalidade ou a marcação dum «penalty».

## UMA DOENÇA PRIMITIVA



A Maria Rosa, que era uma moçolla cheia de saúde, ha um tempo para cá tornou-se triste e descolada.



A mãe, não compreendendo a causa daquela tristeza, resolveu levá-la ao medico para a examinar.



Pergunta-lhe o pai:  
—Que disse o medico? Tem gravidade?  
—Não. Mas tem uma coisa parecida...

L. F. S.

## EM LETRA REDONDA

As gralhas nos jornais são o pão nosso de cada dia. E' um nunca acabar de asneira que o *Fixe* resolveu arquivar.

Vejamos algumas:

A proposito das festas de Setubal, pela sua elevação a distrito, appareceu num jornal catolico:

«As janelas ostentavam vistosas tochas e cavalgaduras.»

Não sei se os setubalenses protestaram!

\* \* \*

Noticiando as melhoras dum ministro, dizia, ha tempos, um grande jornal:

«S. Ex.º o Ministro das Finanças experimentou ontem sensíveis senhoras, dando em seguida despacho aos directores gerais.»

\* \* \*

A'cêrca da interpretação que Viana da Mota dava ás sinfonias de Beethoven, escreveu alguém:

«Viana da Mota está em plena maturidade do seu talento.»

Apareceu assim composto:

«...está em plena maternidade do seu talento.»

\* \* \*

Certa Companhia de navegação mandou para um jornal um anuncio que a certa altura dizia:

«Navios á carga no Tejo.»

Caiu uma letra e o tipografo agarrou no r de «carga» e transpô-lo para o fim da palavra.

Estão a vêr como ficou!

L. F.

## As mulheres e a Aviação

Ha aviões que parecem mulheres: côm com facilidade.

O teu amor parece uma viagem num Junker's: custa caro.

Ao pé de certas mulheres, o dinheiro dos aviadores... vôa.

Ha mulheres que, pensando subir, fazem uma «atterragem forçada».

Para um aviador, ha alturas em que as mulheres são todas iguais.

Sucede nos aviões como com as mulheres: perde-se a pista.

—Para que te fazes rogada? A «perda de velocidade» é natural...

Quando o motor «péga», o avião sobe. Em muitas mulheres, o pegar do motor—fa-las descer.

Nas femeas, como no avião, desce-se, por vezes, com mais facilidade do que se sobe.

O amor de certas mulheres custa mais do que um Avro...

Um aviador, tanto côm no ar como na terra. A questão é estar alto.

Ha idades em que a mulher só tem «perda de velocidade».

Nunca um avião côm sem ter subido. Ao contrario da mulher que, na mór parte das vezes, antes de subir—desce...

Casar? Porquê? Julgas-me com cara de «para-quedas»...

# Fitas faladas

Quando os stars começam a falhar nos quadros dos concessionarios, Tivoli, embora não deva nada a ninguem, prega ao publico um grande côm. Para disfarçar, chama-lhe *Rin-Tin-Tin*. Na semana passada, puzeram-no como *Guarda do Farol...* das ideias avançadas.



Rin-Tin-Tin e a Loucura do Charleston

das. São sete partes em que o pobre lóbo de Alsacia tem um trabalho a ensinar a representar ao William Collier Junior e ao seu *supporting cast*. Louise Fazenda, que costuma fazer de feia para todos julgarem que é bonita, decidiu-se a filmar ao natural. Escusado é dizer que foi uma desilusão.

Monte Blue e Patsy Ruth Miller, pela mão de Lubitsch, entreteram-se a demonstrar brilhantemente a *Loucura de Charleston*. O argumento é muito Giraud e a acção passa-se em Paris, mas com certeza que é um Pa-

ris lá da America, porque os predios são novinhos em folha, não anda ninguém nas ruas e os taxis pagam-se em dólares. E' uma fita muito limpa, muito comoda, com sete partes, luz electrica, *chauffage* central, telefono e telefonia sem fios.

Esta semana voltou-se á lufa-lufa da *Ufa*, que tem tido entre nós um enorme consumo. O *Caçador Furtivo* é, segundo uns, uma grande fita e, segundo outros, uma grande estopada. Como exposição de fotografias, no Salão Bobone, talvez não desse mal. No entanto, é muito codo para a abertura da caça e cedíssimo para começarem os maus programas.

Como um mal nunca vem só, em «fin de fiesta» temos a Betty Balfour a fingir que cada vez tem mais graça. O melhor é não a contrariar, porque ela tem mau génio.

*Gastando loucamente!* tem um titulo em espanhol que lhe vai mesmo a matar: *Mas loca que una cobra*. Mas a legenda portugueza é mais sincera porque previne o publico de que está gastando loucamente o seu precioso tempo.

A unica coisa acertada que faz o encenador é meter a Betty-Sylvia num manicómio. Mas o Rex O'Malley percebe que, em estando sózinho, se percebe muito mais facilmente que ele é trouxa, e não descansa enquanto a não tira de lá. Dá vontade de o mandar para o *rez* que o porta.

Por fim, os jovens arranjam um bom dote e vão consorciar-se para tras da porta. Se o publico adivinhasse que, para eles se casarem, bastava arranjar um par de vintens, com certeza que tinha feito uma subscrição; talvez que, assim, a fita acabasse pelas alturas da segunda parte.

Retardador.



A plor «étape»

# Bom humor

Num hotel:  
O criado.—O viajante do numero 8 enfurcou-se.  
O patrão.—Desamarraste-o?  
O criado.—Não, senhor. Aindr não tinha morrido.

\* \* \*

Na officina:  
O encarregado.—Quem foi o idiota que te mandou atirar essas latas fóra?  
O funileiro.—Foi o patrão!  
O encarregado.—O patrão?! Pois vais imediatamente despedido por teres chamado idiota ao patrão.

\* \* \*

Na gare, a senhora idosa para o empregado distraido:  
—O senhor pode-me dizer a que horas parte o comboio das 8 e 20?

\* \* \*

Etc.—Sabes? Os serviços funerarios custam já o dôbro do ano passado o continuam a subir assustadoramente.  
Ela.—Deveras?! Pois o melhor que tens a fazer é morrer o mais depressa possível...

\* \* \*

No barbeiro:  
O official (de navalha em riste).—Porque será que o seu cachorro o olha com tanta atenção?  
O freguês.—Está esperando que caia algum pedaço de orelha...

\* \* \*

Numa rua lobrega:  
—Porque é que você, quando fala, pde sempre a mão na boca?  
—Porque tenho um dente de ouro e restes sitios ninguem anda seguro...

\* \* \*

—A operação teve um grande exito!  
—Tiraram alguma viscera importante ao enfermo?  
—Nada mais nem menos que quinhentos mil réis!

\* \* \*

Etc.—Se não corresponde ao meu amor, enlouqueço.  
Ela.—Sim? Por isso é que ontem o surpreendi beijando a minha criada.  
Etc.—Não lhe disse? Já estou atacado...

\* \* \*

—Que desgraça! A minha sogra foi atacada duma encefalite...  
—E tu queixas-te?  
—Que queres tu?! Em menos de oito dias, entrou em convalescença...

\* \* \*

Entre amigos. Ha um que saboreia:  
—Que sabor tem esse cognac? Devo ser muito velho.  
—Não sei. Eu, pelo menos, não o deixo envelhecer nem mais um dia...

\* \* \*

Etc.—Se queres, mata-me.  
Ela.—Ahl meu querido! Mata-te, mata-te depressa, que prometo ser tua esposa...

\* \* \*

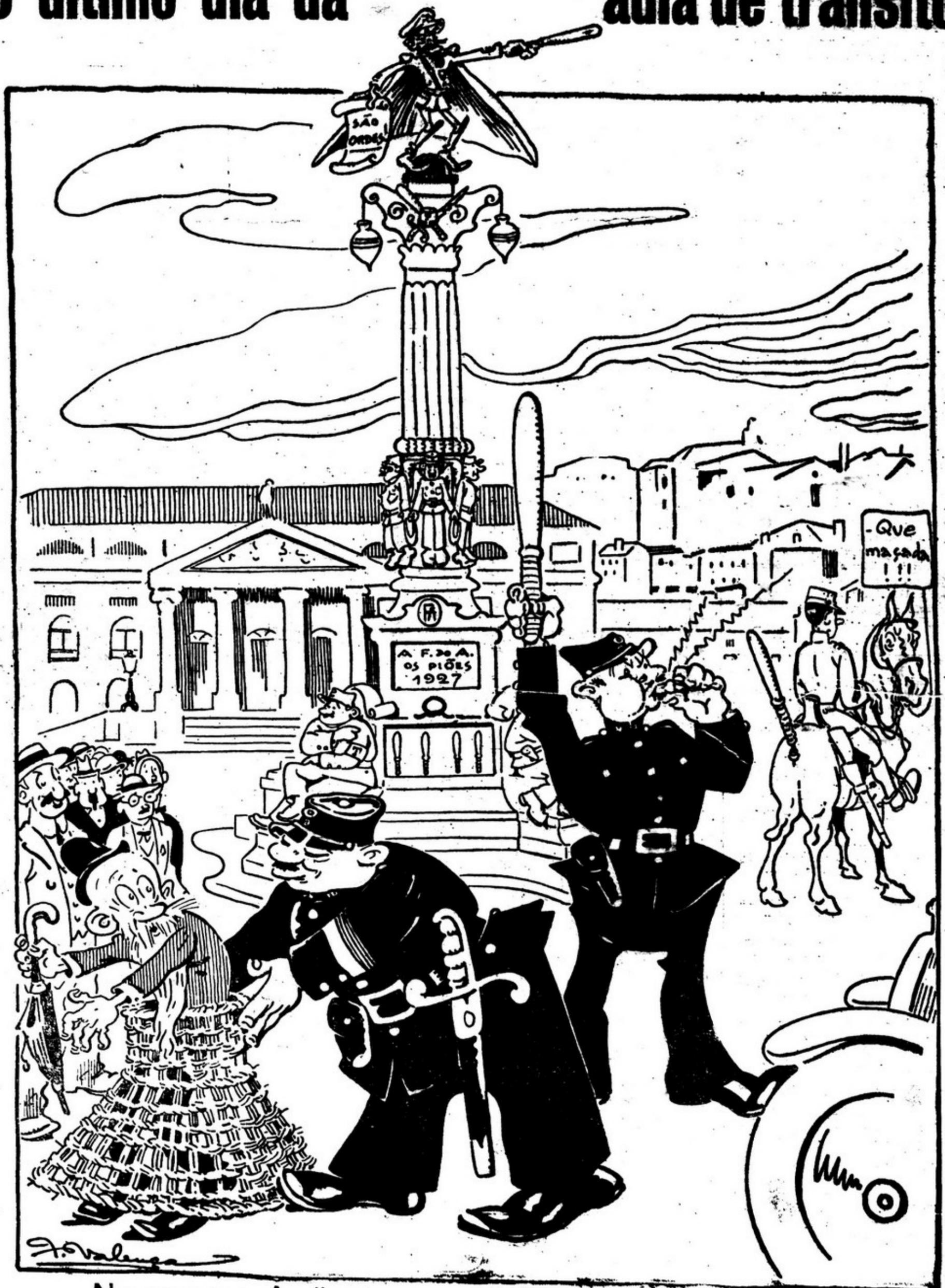
O garoto.—Este cão é seu, meu senhor?  
O transeunte.—E'! Mas porque perguntas tu isso?  
—Porque o acho muito parecido consigo...

\* \* \*

—A proposito, José, tu, que vijas-te muito no estrangeiro, conheces alguma coisa de geodesia?  
—Conheço, mas não me dou com o clima...

**BRISTOL CLUB DANCING**  
Jantar concerto das 10 ás 22 h.

# O ultimo dia da aula de transito



No exame de "passagem" ficou tudo chumbado!